

Estudo de espaços educativos em Artes

Sandra M. Abello*

Liliane de Oliveira**

Resumo

Este artigo tem o objetivo de relatar uma experiência educativa em Artes Visuais que teve como proposição a sistematização da produção conceitual prática-metodológica em Artes Visuais em processos de formação para a educação básica, em uma viagem de estudos com a produção de respectivos relatórios. O desenvolvimento do projeto ocorre em uma viagem de estudos a Curitiba, PR para conhecer espaços educativos que desenvolvem atividades de ensino da Arte tanto no âmbito formal quanto no informal. O artigo explicitará que as alunas do 5º período do Curso de Artes Visuais foram instigadas a apreciar as demonstrações de práticas do ensino da Arte e suas aplicabilidades em instituições oficiais. O objetivo principal da experiência educativa foi o de buscar uma perspectiva criada a partir das vivências voltadas à descoberta e à redescoberta da criação e recriação, buscando uma construção permanente de outros caminhos ressignificando o sentido dos espaços do sentir, do fazer, do estar junto com o outro, em processo de ensino-aprendizagem em Artes Visuais. Observar os espaços educativos se instala como um processo de grande valia, para aprender as construções de aprendizagem em Artes Visuais em espaços culturais fora da sala de aula em uma relação da aplicabilidade de novas perspectivas metodológicas e artísticas de como desenvolver uma proposta nas concepções da Arte na contemporaneidade. A metodologia se instalou a partir da visitação de espaços ícones da capital paranaense como: Jardim Botânico, Museu do Oscar Niemeyer, Centro de Criatividade, Museu Solar do Barão e Memorial da cidade de Curitiba, PR. As visitas foram previamente agendadas para uma melhor sistematização da aprendizagem a partir do acompanhamento de monitorias que ampliaram significativamente as informações sobre os respectivos espaços. A apresentação dos resultados foi medida pela participação efetiva de cada participante, bem como da construção de um relatório sistematizado com informações pertinentes aos locais visitados. E, por fim, a construção de uma produção poética que refletisse artisticamente a reconstituição do vivido, experienciado e apreciado. Conclui-se que há a diversidade do olhar atento ao vivido e a geração de múltiplas possibilidades de revermos nossas próprias identidades enquanto sujeitos e nossas vinculações sistêmicas com os outros. Palavras-chave: Ação educativa. Espaços de arte informal. Ressignificação.

1 O ENSINO DAS ARTES VISUAIS

Aprender Arte é desenvolver progressivamente um processo de criação pessoal cultivado e alimentado pelas interações significativas que o indivíduo realiza com aqueles que trazem informações para o processo de aprendizagem.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997 p. 47), “[...] fazer artes é pensar sobre o trabalho artístico que realiza assim como sobre a arte que é, e foi concretizada na história,

* Doutoranda do Departamento de Desenho da Universidade do País Vasco, Bilbao, Espanha; vínculo com a Universidade do Oeste de Santa Catarina, *Campus* de Xanxerê e Universidade do Contestado, *Campus* de Caçador, SC; Mestre em Educação pela UnC- convênio Unicamp; Especialização em Arte Educação pela Tuiuti, PR; Bacharel em Gravura pela UFPEL, RS, sandraabello@hotmail.com

** Acadêmica do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Unoesc, *Campus* de Xanxerê, SC.

podem garantir ao aluno uma situação de aprendizagem conectada com os valores e os modos de produção artística nos meios socioculturais.”

Possuidora de um campo teórico específico, a arte relaciona-se com as demais áreas, desenvolve pensamento artístico e reflexão estética. Para a Proposta Curricular de Santa Catarina (SANTA CATARINA, 1998, p. 193): “[...] no que diz respeito ao ensino da arte, o pressuposto é que a arte gera conhecimento. Compreende e identifica a arte como fato histórico contextualiza nas diversas culturas e através dessa dimensão social, possibilita o modo de perceber, sentir e articular significados e valores que governam os diferentes tipos de relações entre os indivíduos na sociedade.”

A Arte/Educação deve desempenhar um papel fundamental de humanização e desencadear o autoconhecimento, a percepção, aguçar o senso estético, estimular a imaginação respeitando o potencial criativo que existe em cada ser humano. Para atingir esses pressupostos, é preciso que se desenvolvam no processo de trabalho princípios fundamentais de uma ação pedagógica mais voltada para a expressão, de tal modo que seja possível um aprofundamento na dinâmica de seu conhecimento. Para a concretização disso é necessária produção artística.

Sendo a arte concretização dos sentimentos em formas expressivas ela se constitui num meio de acesso a dimensões humanas não possíveis de simbolização conceitual. A linguagem toma o nosso encontro com o mundo e o fragmenta em conceitos e relações, que se oferecem à razão, ao pensamento. Enquanto a arte procura reviver em nós esse encontro, esse “primeiro olhar” sobre as coisas, imprimindo-o em formas harmônicas. Pela arte somos levados a conhecer melhor nossas experiências e sentimentos naquilo que escapam a linearidade da linguagem (DUARTE JUNIOR, 2001, p. 67).

A arte é uma maneira de despertar o indivíduo para que este atende mais para o seu próprio processo de sentir e compreender o mundo. Ela nos possibilita uma gama muito grande ao acesso no mundo dos sentimentos, e também no desenvolvimento da educação; é um fato de agilização de nossa imaginação, pois na experiência estética aquela amplia os limites que lhe impõem inteligência.

Este texto apresenta o relato de uma experiência educativa na qual as acadêmicas do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Unoesc, *Campus* de Xanxerê participaram de uma disciplina *Viagem de Estudos a espaços educativos em Artes Visuais*, a qual proporcionou o contato com espaços que desenvolvem atividades de Arte no âmbito informal.

O exercício de observar os espaços educativos se instala como um processo de grande valia, para aprender com as construções de aprendizagem em Artes Visuais em espaços culturais fora da sala de aula em uma relação da aplicabilidade de novas perspectivas metodológicas e artísticas de como desenvolver uma proposta nas concepções da Arte na contemporaneidade.

2 EXPERIÊNCIA EDUCATIVA EM ARTES VISUAIS NA CIDADE DE CURITIBA

A experiência educativa foi construída da visita ocorrida a espaços culturais de Curitiba, PR, como: Jardim Botânico, Museu Oscar Niemeyer, Centro de Criatividade, Museu Solar do Barão, Centro histórico e Memorial da Cidade de Curitiba. Esses lugares desencadearam um processo de mediação cultural e social de grande importância para o grupo de acadêmicas. De acordo com Barbosa e Coutinho (2009, p. 13) “[...] o conceito de educação como mediação vem sendo construído ao longo dos séculos, inclusive Sócrates falava *da educação como parturição das ideias*.” E ainda

autores como Rousseau, John Dewey, Vygotsky atribuíam à natureza, ao sujeito ou *ao grupo social o encargo de aprendizagem*, funcionando o professor como organizador, estimulador, questionador e aglutinador do conhecimento na mediação do conteúdo.

Finalmente, Freire (1997) consagra na contemporaneidade a ideia de que ninguém aprende sozinho e ninguém ensina nada a ninguém; aprendemos uns com os outros mediatizados pelo mundo. No século XX, o conceito de Educação como ensino passa a ser minimizado para ceder lugar a ideias socioconstrutivistas, que atribuem ao professor o papel de mediar relações dos aprendizes com o mundo que devem conquistar pela cognição. A Arte tem enorme importância na mediação entre os seres humanos e o mundo, apontando um papel de destaque para a Arte/Educação: ser a medição entre a arte e o público. O lugar experimental para essa mediação são os espaços artísticos e culturais como museus, galerias, casas de cultura, espaços culturais, que são laboratórios de conhecimento de Arte tão fundamentais para a aprendizagem como os demais laboratórios.

Foi dessa maneira que a disciplina de Viagem de Estudos a Espaços Educativos em Artes desenvolveu suas atividades. Proporcionou a possibilidade da interação com o meio artístico cultural de forma direta e dinâmica aliada às demonstrações artísticas e possibilidades de potencialização do conhecimento do processo da aprendizagem em Arte.

O primeiro espaço a ser visitado foi o Jardim Botânico.

2.1 JARDIM BOTÂNICO

O Jardim Botânico de Curitiba foi inaugurado em 1991, com uma área de 245.000 m². Seus jardins geométricos e a estufa de três abóbadas tornaram-se um dos principais cartões postais de Curitiba. A estufa abriga plantas características da Floresta Atlântica do Brasil. Sua arquitetura, em estrutura metálica e estilo *art-nouveau*, foram inspirados em um palácio de cristal que existiu em Londres, no século XIX.

O Jardim Botânico conta ainda com o Museu Botânico Municipal, trilhas em um bosque de araucárias, lago, quadras esportivas e um velódromo. Ao redor da estufa está o Espaço Cultural Frans Krajcberg que abrigava uma exposição permanente de 114 esculturas do artista e ambientalista; no momento da visita as obras tinham sido recolhidas pelo artista para serem restauradas.

A natureza do espaço deixou todos deslumbrados, considerando que a harmonia do espaço estava literalmente integrada às construções arquitetônicas e ao ajardinamento do parque. O aprendizado neste Jardim foi diferenciado em razão da contemplação da estética ou educação da sensibilidade, pois nele os sentidos são afluídos de todas as formas. Sentiu-se o cheiro das flores, observaram-se as cores, formas e planos, sentiram-se as diferentes texturas das plantas, deparou-se com a bela composição das flores, adquirindo uma poética própria, e ainda, percebeu-se o respeito e o cuidado com a natureza que este parque demonstrava. Encontraram-se pessoas desfrutando o ambiente, caminhando, exercitando-se e também mães passeando com seus bebês. Um espaço harmonioso e digno de ser apreciado nos parâmetros estéticos dos jardins babilônicos da humanidade.

2.2 MUSEU OSCAR NIEMEYER

O segundo espaço a ser visitado foi o Museu Oscar Niemeyer e neste espaço participou-se de uma ação educativa no decorrer da visita. Primeiramente, compreendeu-se a estrutura física do Museu que tem ao fundo a massa verde do Bosque do Papa. O Museu, com mais de 35.000 m² de área construída é uma obra de arte em si mesmo. Nesta obra, mais uma vez o traço sinuoso de Niemeyer aplicado ao concreto ganha a leveza de linhas finas. Na simplificação de sua complexa arquitetura, o maior mestre da Arquitetura Moderna, ainda vivo, consegue, por meio de suas obras, mostrar toda a alma do povo brasileiro. Com liberdade formal e arrojo estrutural, explora ao máximo as possibilidades formais do concreto.

Um exemplo de como a Arte expressa na Arquitetura fez com que espaços construídos em épocas distintas pudessem conviver em perfeita harmonia e comunhão. Rampas em curvas, na área externa, e um túnel – acessado pelo subsolo do edifício principal – faz o elo entre o passado e o presente, o Moderno e o Contemporâneo. São características que tornam Niemeyer o escultor dos espaços urbanos livres, elevando-o à condição de artista. O Grande Olho de concreto e vidro, ao mesmo tempo que debruça seu olhar de dupla face para a cidade também observa a si mesmo, refletindo o passado. Um olhar que parece flutuar à frente do prédio que originou o Museu.

A monitoria acompanhou o grupo das acadêmicas, conduzindo-as aos espaços do Museu, explicitando além dos elementos da arquitetura sobre as exposições que o comportavam. Foi explicado ao grupo que a face do prédio principal do Museu, transparece três imagens: a primeira, um grande olho, que é como o museu e conhecido popularmente, a segunda, uma araucária, caracterizada como símbolo do estado do Paraná, e a terceira do corpo de uma mulher intercalando duas faixas que transmitem o formato oval.

Após esse contexto estrutural, o grupo das acadêmicas conheceram a exposição de fotografia da artista Maurren Bisilliat. Esta exposição é esta composta por alguns ensaios fotográficos sobre os universos literários de Guimarães Rosa, Jorge Amado, João Cabral de Melo Neto, Ariano Suassuna e Euclides da Cunha. Também fazem parte da mostra fotografias do ensaio Pele Preta, composto por imagens feitas quando a artista ainda frequentava ateliês de modelos vivos.

Segundo os monitores, além das referências literárias, a mostra sintetiza situações vividas ao longo de mais de 50 anos de carreira, seja nas viagens ao Japão, África e Bolívia, seja durante os anos de glória no fotojornalismo, com os ensaios caranguejeiras, Mangueira e China.

A seguir, os monitores explicitaram sobre a série dedicada ao Xingu, da qual se apresentam fotografias de uma canoa de seis metros de comprimento, produzida de acordo com a tradição indígena. Além disso, durante a exposição se apreciou o documentário Xingu/Terra, produzido na década de 1980, pela própria artista, juntamente com Lúcio Kodato, rodada na aldeia Mehikatu, no alto do Xingu.

O grupo foi apreendendo com a monitoria os objetivos traçados para esta exposição e foi aos poucos realizando leituras simultâneas entre a produção fotográfica e a produção editorial de Maureen, revelando tanto a fotógrafa quanto a editora de imagens e textos reunidos nas diversas publicações que produziu, contemplando a cultura de diversas etnias retratadas em fotografias como registro de memória. Assim, perceberam-se sentidos estéticos e de valor inestimável.

Se existe na fotografia uma força viva irresistível, se nela existe algo que, a meu ver, depende de uma ordem de gravidade absoluta [...] A foto não é apenas uma imagem (o produto de uma técnica e de uma ação, o resultado de um fazer e de um saber-fazer, uma representação do papel que se olha simplesmente em sua clausura de objeto finito) é também, em primeiro lugar, um verdadeiro ato icônico, uma imagem, se quisermos, mas em trabalho, algo que não se pode conceber fora de suas circunstâncias, fora do jogo que anima sem comprová-la literalmente [...] Vê-se com isso o quanto esse meio mecânico, ótico-químico, pretensamente objetivo, do qual se disse tantas vezes no plano filosófico que ele se efetuava “na ausência do homem”, implica de fato ontologicamente a questão do sujeito, e mais especialmente do sujeito em processo (DUBOIS 1993, p. 15).

Por outro lado, ainda em um passeio ao lado externo do Museu, contemplou-se esculturas expressivas de artistas como: Amélia Toledo, Bruno Giorgi, Erbo Stenzel, Emanuel Araújo, Francisco Brennand, Sérvulo Esmeraldo e Tomie Ohtake. Obras estas que, por muitas vezes, visualizam-se em livros ou por meio de *slides* nas aulas da Universidade.

Fotografia 1 – Alunas de Artes Visuais (Museu Oscar Niemeyer) Curitiba, PR



Fonte: as autoras.

2.3 CENTRO DE CRIATIVIDADE DE CURITIBA

O Centro de Criatividade de Curitiba é um espaço dedicado à criação e à educação artística. Funciona nas instalações adaptadas da antiga fábrica de cola. É administrado pela Fundação Cultural de Curitiba, inclui uma biblioteca, espaço para exposições, auditório e sala de projeção. As máquinas e caldeiras da antiga fábrica foram mantidas no local e transformadas em esculturas e elementos decorativos. Em maio de 1994 o Centro implantou o Liceu de Artes, para preservar antigas técnicas e treinar aprendizes, visando à sua colocação no mercado de trabalho.

Foi incrível a ação educativa e as trocas de experiência que se obteve na visita a este Centro. Ela aconteceu de maneira monitorada com o próprio artista Paulo Auma, o qual relatava e instigava a saber sobre sua exposição que retratava Híbridos, seres metamórficos que os seres biológicos podem se tornar. Esta visita se tornou muito positiva, pois houve interação com artistas e o privilégio de contemplar sua performance em um grande Híbrido, exposto na parte externa do Centro de Criatividade, que retrata as várias formas de como os seres humanos são frágeis e podem ser “engolidos” ou “expelidos” pelos Híbridos.

Nessa lógica participou-se de uma oficina de pintura e o grupo de acadêmicas foi compreendendo a proposta do artista e ressignificando a obra de forma a refletirem sobre seus anseios, signi-

ficados e crenças na compreensão dos híbridos, criando cada uma o seu próprio trabalho e com isso absorvendo a prática educativa desse espaço informal de Artes.

2.4 MUSEU SOLAR DO BARÃO

Instalado no casarão onde morou o Barão do Serro Azul, o Centro Cultural Solar do Barão abriga espaços para exposições, o Museu da Fotografia, o Museu da Gravura, o Museu do Cartaz, o Centro de Pesquisa Guido Viaro, Sala Scabi, Sala Gilda Belczak, ateliês de xilogravura, litogravura e serigrafia, além da primeira Gibiteca do Brasil.

O prédio foi concluído em 1883. Após a morte do barão em 1894 o Solar se transformou em Quartel do Exército. Posteriormente, construiu-se, em anexo, uma residência para a baronesa Maria José Correia e seus filhos.

O complexo do Solar, com cerca de 3.000 m² de área, foi restaurado entre 1980 e 1983. Atualmente é vinculado à Fundação Cultural de Curitiba e possui três blocos: O bloco central, onde morou o Barão, a Casa da Baronesa e os anexos construídos pelo exército.

Nas instalações do Solar são realizados cursos de Arte, oficinas de gravura em metal, serigrafia e litografia e ainda ensaios da Camerata Anticua, da Orquestra de Harmônicas e do Coral de Curitiba.

Nesse espaço, teve-se uma ligação de interação com cada anexo visitado, a monitoria foi realizada guiando o grupo pelos espaços do museu, mostrando inicialmente os aspectos da Arquitetura e visualização das pinturas antigas nos cantos das paredes, e o seu acervo das obras mais contemporâneas existentes de artistas, na sua maioria do Estado do Paraná.

Educar o nosso modo de ver e observar, é importante para transformar e ter consciência da nossa participação no meio ambiente, na realidade cotidiana. Ver significa essencialmente conhecer, perceber pela visão, alcançar com as vistas os seres, as coisas e as formas do mundo ao redor. A visualização ocorre em dois níveis principais. Um deles se refere ao ser que está vendo, com suas vivências, suas experiências. O outro é o que a ambiência lhe proporciona (FUSARI; FERRAZ, 1993, p. 74).

Há uma obra chamada o Plano das Bikes Brancas, que deve ser destacada, sendo este um projeto inspirado no movimento realizado na década de 1960, em Amsterdã na Holanda, por um núcleo de artistas conhecidos como Provos. A ideia principal é que o veículo sempre estivesse pronto para um próximo usuário, uma vez utilizada a bicicleta era deixada para um próximo usuário.

Essa ação se frutificou em diversas soluções para o transporte público em cidades como: Helsinki (FI), Vienna (IT), Berlim (AL), Barcelona (SP) e finalmente em Curitiba. Em Curitiba, a primeira bicicleta branca foi apresentada no dia 12 de setembro de 2007, no Museu de Arte Contemporânea do Paraná. Desde então, vem ganhando cada vez mais popularidade, acompanhada de conscientização para o uso da bicicleta como meio de transporte ecologicamente correto.

2.5 MEMORIAL DA CIDADE DE CURITIBA- PR

Inaugurado em 1996, o Memorial da Cidade é um espaço dedicado à memória, às artes e à cultura de Curitiba. O projeto arrojado, do arquiteto Fernando Popp, contrasta com as antigas constru-

ções do Setor Histórico, exemplo de que arte não deve ter âncoras. Segundo informações na entrada do edifício, o prefeito Rafael Greca de Macedo em 1996 a prefeitura ergueu o memorial destinado a guardar a história do povo para marcar os 300 anos de fundação da cidade de Curitiba, sinal de que a esperança dos que vão nascer encontra nos pinhais a intensa claridade da luz que brota do conhecimento e da imaginação. No Memorial da Cidade o público pode assistir a apresentações cênicas e musicais, ver exposições de Arte, assistir a palestras, ou participar de cursos sobre Arte e cultura.

As instalações do Memorial contam com três salas para exposições, o Teatro Londrina e uma praça ampla que permite realizar eventos. O prédio tem estrutura de aço e concreto, com cobertura de vidros laminados. Possui quatro pavimentos e terraço.

Obras de arte de João Turim, Poty Lazarotto, Antonio Maria, Sérgio Ferro, Zaco Paraná e Elvo Benito Damo são expostas permanentemente no Memorial.

Nesse local, não houve monitoria, as acadêmicas percorreram o espaço conhecendo-o por conta própria e se depararam com uma imensidão de obras de arte como esculturas, pinturas, painéis e pintura mural. A beleza das obras contrastam e contam a história da cidade de Curitiba, trazendo uma gama de conhecimento histórico, artístico e cultural.

3 CONCLUSÃO

Concluindo, pensar propostas de ensino-aprendizagem que proporcionem o contato *in loco* do conhecimento de espaço físico, obra ou demonstração de vivências artísticas, apresenta-se como um fato que potencializa a experiência estética carregada de significados. Para as acadêmicas, observar como os espaços culturais organizam e recebem o público aos eventos e atividades culturais se apresenta como um eixo motivador e de destaque de como as pessoas apreciam a arte nas suas mais diversas manifestações. As acadêmicas agregaram ou complementaram um pensamento existente *a priori* de que as pessoas vivem em centros maiores e estão acostumadas no seu dia a dia a vivenciarem a Arte.

Enfim, são muitas as leituras que se pode fazer e muitas as conclusões que se pode por aproximar. Como destaque, deve-se resaltar que uma mudança em nosso cotidiano requer perspectivas avançadas de melhoras nas ofertas culturais e que isso deva de forma efetiva se desenvolver em nosso meio com iniciativas tanto de ordem pública quanto privada. Deve-se procurar os fomentadores de cultura regional para que se agreguem ao movimento de ampliação de oferta de atividades artístico-culturais, bem como a ampliação ou reforma dos espaços culturais existentes. Entretanto, nestes espaços além de terem obras de qualidade, também deverão ter pessoas capacitadas a desenvolverem a cultura com habilidade e competência. Esses órgãos públicos ou privados devem ter a intenção de promover eventos com o intuito de ampliar o repertório cultural regional, municipal ou local.

As atividades vivenciadas pelas acadêmicas esclareceram que a cultura, a Arte e a sua proposição tornam o ser humano mais partícipe do mundo e conhecedor dos seus anseios emocionais.

A oportunidade de transformar um componente curricular em viagem de estudo se apresenta como uma iniciativa ímpar e singular na proposição da experiência estética. Por mais próximo que se ficou de imagens, livros, catálogos de arte, não se estaria alcançando minimamente os resultados que por ora foram presenciados. A visitação a um espaço cultural ou a um museu demonstra a di-

menção que a cultura faz parte de nossas vidas como direito e não como um dever, como é passado em nossa região nas escolas de ensino formal.

O objeto da Arte apresentado nas práticas educativas faz parte de um repertório cultural vivenciado por cada artista e curador que pensou na mediação dessa matéria e de como esta chegaria ao público visitante.

O grupo das acadêmicas sentiu-se importante em vários locais visitados, foi recebido com afeto e consideração pela iniciativa de se deslocar de um município tão longe da capital paranaense e buscar conhecer as iniciativas culturais. Por várias vezes foi elogiado por esse feito.

Pouco sabem os monitores de que o grupo é que apreendeu de forma efetiva e significativa e que ficará guardado em sua memória cada espaço ou cada imagem ou artista conhecido. E, com certeza, fará muita diferença no momento de sua atuação na área cultural e artística de sua região.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Unesp, 2009.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte/Secretaria de Educação Fundamental**. 2. ed. Rio de Janeiro: DPEA, 2000.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Por que Arte-Educação?** 6. ed. Campinas: Papirus, 1991.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. 7. ed. Campinas: Papirus, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FUSARI, Maria F. de Rezende; FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.

SANTA CATARINA (Estado). Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Formação Docente para Educação Infantil e Séries Iniciais**. Florianópolis: COGEN, 1998.

<<http://www.curitiba-parana.net/memorial.htm>>. Acesso em: 24 jun. 2011.

<<http://www.curitiba-parana.net/parques/jardim-botanico.htm>>. Acesso em: 24 jun. 2011.

<<http://www.curitiba-parana.net/parques/sao-lourenco.htm>>. Acesso em: 22 jun. 2011.

<<http://www.curitiba-parana.net/solar-barao.htm>>. Acesso em: 21 jun. 2011.

<<http://www.museuoscarniemeyer.org.br/educativo.htm>>. Acesso em: 20 jun. 2011